

Semioses do Minhocão. Cinquenta anos em busca de um lugar no Centro de São Paulo

Semiotics of the Minhocão: fifty years in search of
a place in the Center of São Paulo

VINICIUS PRATES

orcid.org/0009-0002-5942-3839

Mestrado Profissional em Comunicação
Intercultural nas Organizações
Universidade Presbiteriana Mackenzie
(MPCom/UPM)
São Paulo (SP). Brasil.

VICTÓRIA ROCHA

orcid.org/0009-0003-4532-8173

Programa de Pós-graduação em Letras
Universidade Presbiteriana Mackenzie
(PPGL/UPM)
São Paulo (SP). Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso
aberto (*Open Access*) sob a licença
Creative Commons Attribution, que
permite uso, distribuição e reprodução
em qualquer meio, sem restrições
desde que o trabalho original seja
corretamente citado.

RESUMO:

Este artigo analisa as transformações de sentido do Elevado João Goulart (Minhocão), no centro de São Paulo, a partir de um recorte de reportagens da Folha de S.Paulo em três momentos: inauguração (1971), intermediário (1996) e cinquentenário (2021). Com base na semiótica discursiva e tensiva, articulada a Marc Augé, Michel Lussault e Bruno Latour, argumenta-se que o dispositivo urbano, estruturalmente idêntico, sofre profundas mutações semióticas: de não-lugar euforizado pelo imaginário da alta modernidade carrocêntrica, passa a anti-lugar pejorado, índice de degradação, violência e perda territorial, até ser reinscrito como hiper-lugar “moder-ninho”, polo de lazer, retrofit e produção de bens simbólicos. Propõe-se uma correlação entre as categorias latourianas globalização-mais/globalização-menos, localização-mais/localização-menos e as figuras de não-lugar, anti-lugar, hiper-lugar e lugar, projetadas em um quadrante tensivo. Mostra-se, por fim, como o jornal passa a insinuar o Minhocão como lugar de convivência diversificada, em “razão proléptica”, antecipando um possível pertencimento plural em disputa no texto urbano. O estudo contribui para compreender como discursos midiáticos territorializam ideologias urbanas, ambientais e de classe no Antropoceno.

PALAVRAS-CHAVE:

Minhocão; semiótica tensiva; não-lugar; anti-lugar; hiper-lugar; mídia e cidade

ABSTRACT:

In this paper, we analyze the shifting meanings attributed to the Elevado João Goulart (Minhocão), located in downtown São Paulo, drawing on a selection of Folha de S.Paulo news reports from three key moments: its inauguration (1971), an intermediate period (1996), and its fiftieth anniversary (2021). Grounded in discursive and tensive semiotics and articulated with the works of Marc Augé, Michel Lussault, and Bruno Latour, we argue that this urban dispositive — structurally unchanged — undergoes profound semiotic transformations: from a euphorically imagined non-place of late car-centered modernity, it becomes an anti-place associated with degradation, violence, and territorial loss, and is later reinscribed as a “hip” hyper-place centered on leisure, retrofit, and the production of symbolic goods. We propose a correlation between Latour’s categories of globalization-plus/globalization-minus and localization-plus/localization-minus and the figures of non-place, anti-place, hyper-place, and place, arranged within a tensive quadrant. Finally, we demonstrate how the newspaper begins to suggest the Minhocão as a space of diversified coexistence through a form of “pro-leptic reasoning,” anticipating a potential plural sense of belonging that is contested within the urban text. This study contributes to understanding how media discourses territorialize urban, environmental, and class ideologies in the Anthropocene.

KEYWORDS:

Minhocão; tensive semiotics; non-place; anti-place; hyper-place; media and the city

O elevado João Goulart, popularmente conhecido como Minhocão, é uma via expressa com 3,4 km de extensão que liga a região central de São Paulo a bairros da Zona Oeste. Este apelido foi difundido desde o início por sua configuração sinuosa entre os edifícios. A obra foi inaugurada em 1971, durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), com a promessa de desafogar o pesado tráfego de automóveis que caracterizou a cidade desde a metade do século XX. O projeto fez parte do contexto de transformações da “terceira cidade de São Paulo” (Toledo, 2004). Naquele momento, a cidade “inglesa” erigida no surto econômico cafeeiro, que havia substituído a cidade colonial “portuguesa”, era, por sua vez, rapidamente desmanchada para a construção da cidade “estadunidense”, de concreto armado e atravessada por autopistas, na lógica da cidade carrocêntrica (Prates e Pereira, 2017).

Ao longo de mais de meio século de existência, o Minhocão gerou polêmicas públicas, eventualmente expressadas na imprensa. Se, por um lado, foi efetivo em seu propósito de absorver parte do volume de automóveis que trafegam nos sentidos Leste-Oeste pela região central, por outro, sua massiva estrutura de concreto elevada, erigida a poucos metros de apartamentos e escritórios, deixou a região mais barulhenta, poluída e escura, provocando uma desvalorização generalizada nos imóveis do entorno. Em anos mais recentes, a via passou a ser fechada para o tráfego de automóveis durante o período noturno e aos fins de semana, quando é, então, usada para o lazer. Há discussões na imprensa, no poder público e nas universidades a respeito das opções de deixá-lo com o uso compartilhado atual, transformá-lo definitivamente em parque ou demolí-lo.

Embora a estrutura de engenharia do Minhocão tenha permanecido basicamente inalterada (de forma que um morador que houvesse passado muitos anos fora da cidade e retornasse o reconheceria imediatamente como idêntico ao que deixara), ele passou por profundas transformações semiológicas, que buscamos identificar neste artigo. Para entender este ponto, é preciso acessar que os dispositivos físicos urbanos são vivenciados por seus habitantes como signos, que interagem produzindo sentidos na trama urbana (Genovez e Cezarotto, 2021). Na cidade-texto, o significante Minhocão gerou sentidos que se deslocaram radicalmente a partir de uma série de relações interdiscursivas. E, a partir dessas alterações, criou novos sentidos para a região de seu entorno.

Desse modo, o Elevado e seu entorno passaram por três momentos (e apontam a um quarto), conforme observado nos enunciados de 1971, 1996 e 2021 postos no jornal *Folha de S.Paulo*. Originalmente concebido como via de trânsito rápido, foi figurativizado pelo enunciador como um *não-lugar* (Augé, 2007), mero instrumento da aceleração, e o seu espaço lindeiro foi desvalorizado até o virtual desaparecimento na política dromocrática (Virilio, 1996) da Alta Modernidade; em sua fase intermediária, tornou-se um *anti-lugar*, posto como espaço da violência urbana e da miséria, a ser evitado; finalmente, no contemporâneo, foi discursivamente resgatado dessa posição, “hipsterizado” como vetor de mistura intercultural, e assim ressignificado como *hiper-lugar* (Lussault, 2017). Ao final, como veremos, o enunciador da *Folha* aponta para *lugar*, liberado de seus prefixos qualificantes.

O MINHOCÃO NA FOLHA DE S.PAULO

O *locus* privilegiado para a constituição de determinado *ethos* discursivo (Amossy, 2012) desde a Modernidade é a imprensa profissional (Charaudeau, 2015), que enuncia pressupostamente a partir da esfera pública (Habermas, 2011). Assim, nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI, justamente no tempo de surgimento da estrutura viária elevada, o jornalismo foi um actante decisivo para os deslocamentos de sentido pelos quais passou o Minhocão.

Neste período, a imprensa paulista foi dominada pelo duopólio dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Para este estudo, utilizamos reportagens da *Folha*, na qual identificamos as mais radicais alterações de sentido do Minhocão. Fundada em 1921, o jornal passou por mudanças no contrato de comunicação durante a Ditadura Civil-Militar, quando comandada pelo editor Cláudio Abramo. Neste período, a *Folha* tornou-se um veículo representativo dos setores médios urbanos de matiz liberal e, a partir disso, o enunciador jornalístico mais influente do país junto a este público (Lins da Silva, 1988).

Para este estudo, foram coletados textos do jornal sobre o Minhocão com 50 anos de intervalo, separados em três segmentos de um ano cada: em sua inauguração em 1971; passando pelo período intermediário de 1996; até o cinquentenário da estrutura elevada em 2021.

1971, o não-lugar

Começamos pelo ano de inauguração do Elevado. A imprensa acompanhou a implantação da obra civil que foi realizada de forma acelerada e, numa ditadura, esteve longe de preencher as condicionantes das audiências públicas e relatórios de impacto que hoje seriam necessárias para uma construção desse porte. Ao pesquisar no acervo do jornal, 20 ocorrências sobre o Minhocão foram encontradas (descartadas as repetidas ou fora do contexto). Reproduzimos abaixo um quadro no qual trazemos a data, o título jornalístico com a tematização e, em seguida, a figurativização dos textos:

QUADRO 1.

Fonte: Elaboração própria a partir do acervo de 1971 da *Folha de S. Paulo*.

Data	Título/Tematização	Figurativização
01/01/1971	Isto é o novo Brasil!	O Minhocão é posto como exemplo de modernidade
01/01/1971	Elevado Costa e Silva: a maior obra da Capital depois do Metrô	A obra é grandiosa e está transformando a cidade para o futuro
15/01/1971	Do romantismo da velha S. Paulo à realidade de uma vida moderna	As demolições e alterações para a construção da obra apontam ao futuro
24/01/1971	O Minhocão passa pela Exposição Clipper	Chamada entusiasmada para a inauguração da obra (o apelido já comparece no título)
24/01/1971	Isto é o novo Brasil!	No dia da inauguração do Elevado, é publicada uma matéria ufanista sobre sua representação no futuro do Brasil
16/02/1971	Cartas à redação - Uma questão de nome	Preferência pelo nome do presidente militar Costa e Silva em relação à Minhocão
21/02/1971	Trânsito	Problemas do Minhocão, crime após inauguração
05/03/1971	A colmeia humana mais agitada do mundo	Tóquio (Japão) é a capital dos minhocões, um país desenvolvido tem estruturas semelhantes à do Brasil
10/03/1971	Carro japonês: a vantagem de sair atrás	Tóquio (Japão) é a capital dos minhocões, um país desenvolvido tem estruturas semelhantes à do Brasil

QUADRO 1.

Fonte: Elaboração própria a partir do acervo de 1971 da *Folha de S.Paulo*.
(continuação)

Data	Título/Tematização	Figurativização
10/03/1971	A mania do novo	Tóquio (Japão) é a capital dos minhocões, um país desenvolvido tem estruturas semelhantes à do Brasil
15/03/1971	Em Pinheiros começa a nascer o Novo Centro?	Potencial do Elevado em espalhar desenvolvimento para novas regiões
18/03/1971	Tomara que o nôvo prefeito de São Paulo não tenha medo da escuridão	Relato positivo do Minhocão em reportagem sobre iluminação pública
07/05/1971	Brasil 71: mais meio milhão de veículos	Reportagem celebrativa sobre a indústria automobilística brasileira
30/05/1971	Sobrinhos de Tia Lenita e alunos da Escola Caracol sobrevoaram São Paulo	Minhocão como marco reconhecível na cidade moderna
30/05/1971	O lento tráfego Leste-Oeste	Relato de congestionamentos apesar do Minhocão
27/06/1971	Cartas à redação – Aeroporto Internacional	Críticas de leitor à obra como foi concebida
15/07/1971	Confirmado: S. João mão dupla dia 17	Mudança de orientação de via, ajudando a desafogar o trânsito
19/07/1971	A partir de hoje, observação maior na mão dupla da S. João	Mudança de orientação de via, ajudando a desafogar o trânsito
12/08/1971	Rossi em ação	Elogios a político baseados no Minhocão
29/08/1971	Minhocão...	Críticas de leitor à obra como foi concebida

Os textos “Isto é o novo Brasil!” do dia 1º de janeiro, “Elevado Costa e Silva: a maior obra da Capital depois do Metrô”, “Do romantismo da velha S.Paulo à realidade de uma vida moderna”, “Em Pinheiros começa a nascer o Novo Centro?”, “Brasil 71: mais meio milhão de veículos” e “Sobrinhos de Tia Lenita e alunos da Escola Caracol sobrevoaram São Paulo” mostram os sentidos criados pelo enunciador *Folha de S.Paulo*, especialmente citando a dimensão da obra e como solucionaria “problemas de escoamento do trânsito do centro da cidade” (Isto é o novo Brasil!, 1971, p. 14). Logo, é demonstrada a simpatia do enunciador ao projeto de construção do Minhocão, enfatizando sua extensão e a velocidade que ele iria permitir aos carros.

Já “A colmeia humana mais agitada do mundo”, “Carro japonês: a vantagem de sair atrás” e “A mania do novo” demonstram o entusiasmo por elevados como soluções viárias modernas e procuraram mostrar que Tóquio, símbolo de desenvolvimento econômico, havia erigido vários elevados semelhantes ao Minhocão. A linha-fina da primeira dessas reportagens citadas é: “Tóquio é uma cidade de três andares. E o Japão, uma nação indócil, que faz da mobilidade e da circulação nacional um dos segredos da explosão industrial que hoje enche o mundo de espanto”.

“Os mil olhos do Minhocão” e “Tomara que o nôvo prefeito de São Paulo não tenha medo da escuridão” divulgam a marca Peterco, contratada a fim de realizar a iluminação do elevado. Desse modo, elogiam a modernidade do projeto urbanístico representado pelos postes de luz distribuídos na obra. Há também “Rossi em ação”, reportagem que retrata e enaltece a velocidade com a qual o elevado foi construído, finalizado antes do prazo, fato que motivou premiação do grupo Rossi, responsável pela obra, por parte da prefeitura. Além disso, o título enfatiza a ideia de que a empresa permanece fazendo benfeitorias.

O texto publicitário, “O minhocão passa pela Exposição Clipper”, anuncia a exposição por meio da inauguração do elevador, sendo que ambos aconteceriam no aniversário da cidade. Assim, a abertura do Minhocão é um acontecimento que pressupostamente gera expectativas positivas por parte do enunciário. A exemplo disso, o enunciador se entusiasma, dizendo que “São Paulo eleva-se” e a construção é considerada “majestosa”.

A partir desses temas e figuras, o que é possível inferir quanto aos afetos produzidos pela *Folha de S.Paulo* sobre o Elevador? O Minhocão é figurativizado como equivalente simbólico (Laclau e Mouffe, 2004) de obras correlatas em outras cidades. A tematização da solução para o trânsito local é meramente subsidiária. Nas matérias sobre a inauguração, a construção é associada a um “novo Brasil”, participante de uma modernidade global euforizada, para muito além do dispositivo local destinado aos carros. Já nesse momento, o enunciador associa o nome da obra a um dos presidentes do Ciclo Militar¹, o que reforça a identificação do regime com o Brasil “moderno”.

1 De sua inauguração a 2016, o Minhocão se chamava oficialmente Elevador Costa e Silva (segundo presidente do ciclo militar). Passou naquela data a uma dupla designação: Elevador João Goulart (presidente civil a sofrer o golpe de estado em 1964), quando aberto aos carros; Parque Minhocão, quando aberto aos pedestres.

Esta figurativização é reforçada por uma série de reportagens nas quais o enunciador *Folha de S.Paulo*, por meio de reportagens produzidas no Japão, procura figurativizar como o país asiático, desde então euforizado como modelo de pujança econômica e desenvolvimento do Pós-guerra, tem por lá seus elevadores para carros, que podem ser comparados ao Minhocão. Assim, São Paulo, por meio desta obra, desafoga uma parcela (relativamente pequena, diga-se) de suas ruas, mas principalmente se torna comparável a Tóquio.

Em dois momentos, surgem críticas: a primeira sobre a incidência de crimes na região, a segunda sobre a própria concepção urbanística da obra. Mas, aqui, há uma interessante operação semiológica. As críticas são postas a partir de uma embreagem enunciativa – a *Folha* se exime, “apenas dá voz” a um leitor. Importante notar que são notas curtas, no estilo painel do leitor, que abrem essa brecha no monolinguismo, mas sem afetar a posição favorável do enunciador.

O Elevador pode ser euforizado na medida em que o enunciador o recobre com os emblemas da funcionalidade da arquitetura moderna. A via de concreto armado (assim como aeroportos, shoppings etc.) apenas eventualmente está no Brasil e não deve carregar marcas de pertencimento a uma cultura ou a um bioma específicos. Poderia ser confundida com seus similares em Nova York, Los Angeles ou Tóquio, que oferecem soluções funcionais semelhantes para o tráfego.

Esta é basicamente a definição de Marc Augé (2007) para um *não-lugar*. Segundo o autor, trata-se de um espaço que não possui um valor agregado, apenas sua função o determina. Os *não-lugares* podem ser vias de circulação acelerada – vias expressas (como no exemplo do presente estudo), meios de transporte, centros comerciais e assim por diante. O que os caracteriza é que não há uma identificação dos sujeitos com aquele espaço, ou seja, “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (Augé, 2007, p. 73).

Assim, o *não-lugar* não tem identidade, “[...] mas sim solidão e similitude. Ele também não concede espaço à história, eventualmente transformada em elemento de espetáculo, isto é, na maior parte das vezes, em textos alusivos” (Augé, 2007, p. 95). Desse modo, ao abordar a respeito do *não-lugar*, o autor menciona a teoria de Michel de Certeau (1998), o que de acordo com ele é “alusão a uma espécie de qualidade negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo que lhe impõe o nome que lhe é dado” (Augé, 2007, p. 79-80).

1996, o *anti-lugar*

Transcorridos os primeiros 25 anos da inauguração do Minhocão, o Brasil havia passado por uma profunda transformação política. Nas décadas de 1970 e 1980, um lento processo de abertura havia encerrado o período ditatorial e o quarto presidente civil, Fernando Henrique Cardoso, ocupava o Palácio do Planalto. Se, na política, a transição democrática havia logrado êxito, na economia nem tudo havia caminhado bem: o país havia atravessado um longo período de hiperinflação, e arrastava consigo os problemas sociais que sempre o caracterizaram, pontuados por uma sucessão de crises econômicas e planos heterodoxos de estabilização monetária. Curiosamente, neste período havia retornado ao poder municipal o político Paulo Maluf, o mesmo que tinha ordenado a construção do Elevado no início dos anos 1970, dessa vez não mais nomeado por uma ditadura, mas sim democraticamente eleito. As mudanças no Brasil haviam sido acompanhadas pelos reposicionamentos da imprensa. Em 1996, a *Folha* havia passado por um *aggiornamento*: seu contrato de comunicação tornara-se mais liberal, como pontuamos acima.

Naquele ano, o jornal publicou dez matérias ou notas nas quais o Minhocão é citado, que colocamos no quadro abaixo, com sua figurativização correspondente.

QUADRO 2.

Fonte: Elaboração própria a partir do acervo de 1996 da *Folha de S.Paulo*.

Data	Título/Tematização	Figurativização
25/01/1996	Zanettini propõe demolir Minhocão	Primeiras propostas de demolir o Elevado, considerado então um projeto equivocada e prejudicial à cidade
02/04/1996	Minhocão vai voltar a ter tráfego à noite	Com a volta ao poder executivo municipal do prefeito que havia concebido a obra, há o temor da volta ao tráfego noturno
03/04/1996	Morador não quer elevado aberto à noite	Ante à expectativa de reabertura ao tráfego automobilístico noturno, moradores protestam
04/04/1996	Reabertura do Minhocão piora ruído, diz IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas atesta a geração de ruído excessivo no entorno do Minhocão
17/04/1996	Minhocão será fechado às 11h	O Minhocão passa a ser fechado em horário noturno postergado
18/05/1996	Técnicos e moradores discutem alternativas para o Minhocão	O Elevado, considerado um estorvo para a população local, torna-se alvo de um debate sobre sua destinação
24/05/1996	Maluf se irrita com projeto do Minhocão	O então prefeito, que havia sido responsável pela execução da obra duas décadas antes, se opõe às destinações alternativas
11/09/1996	PM tira garotos que viviam em buraco no Minhocão	A Polícia Militar retira de uma fenda da estrutura menores situação de vulnerabilidade social e suspeitos do cometimento de pequenos delitos
29/09/1996	Fala de morador do Minhocão	Morador do entorno reclama da degradação da qualidade de vida no entorno do Elevado
01/12/1996	Conheça e evite os pontos críticos do crime em SP	Minhocão é considerado zona a ser evitada pelo risco de violência

Aqui há um vívido contraste entre os temas, as figuras e os afetos relacionados em 1971. A construção passou então a ser pejorada pelo enunciador *Folha de S.Paulo* como um equivalente de degradação, pobreza e violência. Abre-se neste período o debate a respeito da eventual demolição do elevado, tema que iria persistir nos anos subsequentes. Ou seja, a via era uma aberração urbanística, de tal sorte que podia ser considerada como passível de aniquilação – e mesmo levados em conta os custos e transtornos do próprio processo, ainda assim sua demolição parecia valer a pena.

As reportagens “Zanettini propõe demolir Minhocão”, “Minhocão vai voltar tráfego à noite”, “Morador não quer elevado aberto à noite”, “Reabertura do Minhocão piora ruído, diz IPT” e “Minhocão será fechado às 11h” mostram como o enunciador se posiciona de modo crítico em relação ao estorvo que o Minhocão representa para os moradores dos imóveis lindeiros. Em “Reabertura do Minhocão piora ruído, diz IPT”, a *Folha* relata que as residências ficam a cinco metros de distância do elevado, nas quais um técnico entrevistado constata que o barulho excede “em 20 decibéis o limite para que uma pessoa durma”.

Uma polêmica ocorreu naquele ano por conta do retorno à Prefeitura da cidade de São Paulo do político Paulo Maluf, que havia idealizado a obra em uma primeira passagem pelo cargo durante a Ditadura Civil-Militar. Maluf anunciou a extensão do horário de abertura do Minhocão para carros. A via passara a ser interditada entre 0h e 5h em 1976, cinco anos após sua inauguração (*Folha de S.Paulo*, 13/12/1995), para evitar os acidentes noturnos, que tinham se tornado rotina, e para diminuir o barulho. Em 1989, a então prefeita Luiza Erundina (do esquerdista Partido dos Trabalhadores) havia determinado que o elevado fosse interditado das 21h30 às 6h30. Maluf voltou a estender o horário permitido para o tráfego automobilístico até às 23h, o que gerou reclamações dos moradores da região. O enunciador da *Folha* se coloca a favor do fechamento e solidário àqueles que protestaram. Numa matéria do dia 4 de abril, é relacionado um estudo do Instituto de Pesquisas Tecnológicas que atesta o quão prejudicial o ruído dos carros é para a qualidade de vida dos habitantes do Centro. Esta é uma estratégia jornalística de contar com uma fonte especialista (Charadeau, 2015), um órgão detentor de um suposto saber, como forma de constituir a veridicção narrativa.

As três últimas reportagens naquele ano, tocam a questão da segurança pública, modalizando o enunciatário ao afeto do medo. Na primeira delas, é descrito como uma gangue de menores agia nas imediações praticando pequenos delitos e utilizava uma fenda na estrutura como abrigo e esconderijo (“PM tira garotos que viviam em buraco no Minhocão”). A exemplo disso, é dito que “a região é um dos principais focos de assaltos em semáforos na cidade” e que “é utilizada como moradia por dezenas de garotos”. A reportagem hesita entre os sentimentos de comiseração a respeito da situação de vulnerabilidade social dos menores e de temor da violência que eles praticavam ou de suas ameaças. Em outra matéria, moradores do entorno reclamam da degradação, da perda da qualidade de vida de outrora, a partir das décadas de influência do Elevado sobre a vida comunitária, inclusive com o aumento da sensação de insegurança nas ruas. Por fim, aquela que é a mais explícita das reportagens a demarcar a região do Minhocão como um lugar a ser evitado: um mapa

cognitivo (Prado e Prates, 2017) ofertado pela *Folha* o coloca numa lista dos “pontos críticos” do crime em São Paulo: “Conheça e evite os pontos críticos do crime em SP”. Segundo o enunciador, “das 21:30 às 6h, de 2ª a 2ª”, há “furto e roubo de bicicletas e pedestres”.

Conforme entendemos, o enunciador figurativiza a região do Elevado em 1996 como um *anti-lugar*. Propomos o conceito a partir da caracterização de um espaço de repleção. O entorno do Minhocão passa a ser recoberto pela infâmia, pejorado como uma radical alteridade em relação polêmica com o discurso hegemônico da cidade. O *anti-lugar* é um espaço distímico, a partir do qual o afeto original do medo desdobra-se na frustração pela perda territorial, para constituir o sujeito indignado, que caracteriza o enunciatário no típico contrato de comunicação da imprensa tradicional (Pereira *et. alii*, 2022).

O Minhocão e seu entorno são o espaço do Outro, e as pessoas que porventura sigam convivendo de maneira eficiente com ele são homologadas nessa relação de alteridade: não merecem pertencer à mesmidade do contrato de comunicação do jornal. O enunciatário é assim modalizado a tomá-los como actantes malévolos, responsáveis por uma indevida ocupação territorial (que se converte num sequestro de gozo). A partir dessa situação, o cidadão indignado deve apoiar os aparelhos repressivos do Estado (Althusser, 2001) para restituir a ordem da cidade, retomando um território perdido, ou mesmo pugnar pela demolição da via, de forma que o anti-lugar desapareça, novamente absorvido no texto urbano em homologia ao discurso hegemônico da cidade.

2021, o hiper-lugar

O Minhocão foi citado 28 vezes no seu cinquentenário em 2021, o maior número encontrado entre os períodos da amostra. Os temas e figuras são notadamente diversos daqueles de 1971 e de 1996 (com três exceções). Em 25 das 28 matérias, o Minhocão é figurativizado como um atrativo para atividades sociais e culturais.

QUADRO 3.

Fonte: Elaboração própria a partir do acervo de 2021 da *Folha de S. Paulo*.

Data	Título/Tematização	Figurativização
01/05/2021	Pandemia e pobreza transformam São Paulo em cidade das tendas	Os baixios do Minhocão são abrigo para pessoas em situação de rua
03/05/2021	Assento no Elevado	A prefeitura coloca assentos na parte alta da estrutura em que ela está aberta ao lazer dos pedestres
22/05/2021	Justiça barra lei que cria Parque do Minhocão em SP	Uma decisão judicial considera que não houve o cumprimento de etapas de planejamento para a transformação da estrutura em parque
24/05/2021	Ação mapeia homenagens à ditadura em ruas	Sociedade civil busca identificar os equipamentos que homenageiam figuras da ditadura para requisitar renomeações
27/05/2021	Fundo investe em reforma de prédios comerciais no centro	Um fundo de investimentos foi criado para gerir projetos de retrofit no Centro
28/05/2021	Antigo prédio abandonado ganha ares repaginados no Minhocão	Sucesso de retrofit na região do Elevado
28/05/2021	Santa Cecília e Vila Buarque mantêm ar moderninho mesmo na pandemia	Bairros do entorno são figurativizados como “moderninhos” e destino de gastronomia e diversão
03/06/2021	Museu de Arte de Rua inaugura cerca de cem grafites na capital	Inauguração de grafites artísticos nas empenas cegas dos edifícios ao longo da via

QUADRO 3.

Fonte: Elaboração própria a partir do acervo de 2021 da *Folha de S.Paulo* (continuação).

Data	Título/Tematização	Figurativização
24/06/2021	Construtora enxuga custos para lançar imóveis populares no Centro	O Centro volta a ser atrativo para lançamentos residenciais populares
26/06/2021	Projeto para o centro de São Paulo	Balanco de um projeto de requalificação do Centro
29/06/2021	Rouba e faz	Artigo de opinião busca identificar o apoio à gestão no estilo malufista
10/07/2021	O que fazer no fim de semana?	Guia para o fim-de-semana coloca a via elevada como alternativa
26/07/2021	Com termômetro na casa dos 30°C, Minhocão atrai multidão; alguns pedestres, sem máscara	Uma multidão usa o Elevado como área de lazer num dia ensolarado
02/08/2021	PT quer Jean concorrendo à Câmara por SP e candidatos com 'estilo PSOL'	Candidatos a vereador devem ser reconhecidos pela jovialidade, como os artistas que atuam no Minhocão
04/09/2021	O bar, inimigo da família brasileira	Artigo de opinião irônico, conclamando para a visita a bares da moda
11/09/2021	Veja três novos espaços para comer, beber e olhar SP do alto	Lista de lugares da moda onde comer e beber no entorno do Minhocão
01/10/2021	Região do Copan ganha circuito gastronômico e de cultura na pandemia	A região do Elevado passa a ser reconhecida como um circuito gastronômico
01/10/2021	Vivíssima, região não precisava de revitalização	Neste artigo de opinião, a região é viva
15/10/2021	Páginas de um furacão	Matéria sobre artista do grafite
30/10/2021	Empresas investem em retrofit de edifícios no Centro de São Paulo	Reportagem sobre novos investimentos de requalificação predial
12/11/2021	Bar do Jão, na ZL, conquista clientela fiel em área protegida do raio gourmetizador	Matéria sobre bar na Zona Leste trata a área do Minhocão como excessivamente gourmetizada
30/11/2021	O rapper Murica, natural de Brazlândia, na periferia do Distrito Federal, usa um parangolé inspirado em Helio Oiticica sob o Minhocão, em São Paulo	Intervenção artística sob as estruturas do Elevado
04/12/2021	São Paulo, a feia cidade do chopps com dois pastel	Texto de opinião considera absurdo que o Minhocão seja considerado um ponto
12/12/2021	Imagem da Semana	A imagem da semana refere-se ao lazer no Elevado
17/12/2021	Novos bares fazem região da Barra Funda ferver	Região gastronômica e de diversão nas imediações da via
20/12/2021	Dois novos espaços de descanso são inaugurados no Minhocão	Prefeitura elabora espaços para os pedestres frequentadores do Minhocão quando aberto ao público
21/12/2021	Mais duas estações de descanso são instaladas no Minhocão	Prefeitura elabora espaços para os pedestres frequentadores do Minhocão quando aberto ao público
31/12/2021	Conheça dez lugares badalados abertos em São Paulo neste ano	Matéria lista lugares da moda, entre os quais estão bares e lugares de diversão no entorno do Elevado

Esses enunciados podem ser dispostos em quatro eixos. O primeiro eixo é do circuito de artes. Uma série de enormes painéis artísticos começara a tomar forma nas empenas cegas dos prédios das vizinhanças. Os enunciatários da *Folha* são convocados a apreciar o “museu a céu aberto” como usuários dos carros durante os dias úteis e na condição de pedestres durante os períodos de lazer. Matérias sobre artistas individuais que utilizaram a região do elevado como parte de seus projetos foram publicadas nos dias 15 de outubro e 30 de novembro.

Outro bloco a ser listado é o do circuito de bares e restaurantes. Em oito matérias durante aquele ano, o entorno do Minhocão foi figurativizado como espaço “moderninho”, com novas opções gastronômicas e de coquetelaria, frequentado por um público jovem, pressupostamente competente na produção de bens simbólicos. O *hype*, que há não muito tempo caracterizava a Vila Madalena, na Zona Oeste, agora tornava-se um apanágio de um circuito nos bairros lindeiros do Elevado: Vila Buarque, Santa Cecília e Barra Funda. Isso pode ser observado no trecho “mas tanto clássicos quanto novidades preservam o ar moderno que ficou célebre na região nos últimos anos. Esse espírito é delimitado pelo Minhocão”, que está inserido na reportagem “Santa Cecília e Vila Buarque mantêm ar moderninho mesmo na pandemia”. O contrato de comunicação da *Folha*, ao menos desde sua reforma editorial, propõe estabelecer mapas cognitivos para um enunciário identificado como *cult*, “alternativo”. Este sujeito é modalizado a criar uma alteridade com os padrões de consumo condominializados (Dunker, 2015) dos shopping centers e voltar a apreciar o Centro de São Paulo.

O terceiro eixo é o dos *retrofits*, como passaram a ser chamadas as reformas radicais de edifícios abandonados ou de uso reduzido. Há seis matérias no ano de 2021 que tematizam esses procedimentos. Eles são postos pelo enunciador como mais do que simples reformas, são requalificações capazes de espriar resultados positivos para as áreas adjacentes. As matérias colocam os bairros do entorno do Elevado como atrativos para investimentos do segmento imobiliário com estas características. Cabe observar que elas figurativizam as empresas de arquitetura e seus profissionais como investidos das competências para a transformação dos imóveis e do espaço do Centro neste lugar de convergência e convivência do sujeito *cult*. Isso pode ser lido na reportagem “Antigo prédio abandonado ganha ares repaginados no Minhocão”, na qual está o seguinte trecho: “o número 344 da rua Amaral Gurgel exibe pixos [sic.] e restos de lambe-lambe. Mas entre os inquilinos, não há nada de abandono – há uma pizzaria da moda, uma livraria dedicada a mulheres, escritórios de design e, muito em breve, um restaurante no terraço”.

O quarto, é o do Minhocão figurativizado como área de lazer. Neste período, o seu fechamento para carros nos fins de semana estava consolidado. O Elevado havia sido dotado de alguns equipamentos instalados pela prefeitura, como assentos junto à guia central para o descanso dos usuários. Uma matéria do final de julho relatava que, num inverno com temperaturas altas, o espaço foi ocupado por uma multidão que se exercitava, passeava com animais de estimação, tomava sol, como numa “praia” improvisada em meio ao concreto dos prédios.

Colocados os quatro eixos principais sobre como o enunciário lidou com o Minhocão e seu entorno, vamos listar três exceções. A primeira delas é uma reportagem sobre o período pandêmico da Covid-19, que estava terminando, na qual se relata o aumento de pessoas em situação de rua, mostrando como várias delas procuraram os baixios do Minhocão como abrigo. A segunda é um artigo de opinião no qual argumenta-se que o uso do elevado como área de lazer é na verdade um índice da má qualidade urbanística da metrópole. Por fim, uma terceira reportagem informa que a justiça barrou um projeto para a transformação definitiva da via elevada em parque de uso de pedestres e ciclistas, alegando que não havia sido percorridos os trâmites necessários para

2 Não deixemos margem à dúvida (e uma nota de rodapé de texto contribui para isso com seu paralelismo ao próprio esquema arquitetônico do objeto com o qual lidamos): os baixios do Minhocão são uma área de exclusão por qualquer critério sociológico. O que se busca neste artigo é descrever a operação semiótica que transforma seus sentidos para o enunciatário de classe média aderido ao contrato de comunicação da imprensa.

comprovar a viabilidade deste procedimento. As três apontam a figurativizações mais antigas, já não predominantes, mas ainda presentes, nas quais o Minhocão compromete o espaço urbano com sua feiura e serve de abrigo à população marginalizada. Estas somam pouco mais de 10% das citações sobre o Minhocão no ano, e estão longe de representar uma tendência².

A chave para compreender a transformação semiológica do Minhocão nesse período é o signifiante “moderninho”, posto na superfície textual pelo enunciador em uma reportagem do dia 28 de maio. Se verificamos que em 1971 os sentidos são atinentes ao Alto Modernismo, em 2021 eles são construídos em torno dos valores do Pós-moderno, para usar as categorias de Frederic Jameson (2000). A região do Elevado passa a ser figurativizada como uma plataforma de captação de movimentos estéticos globais, euforizada como polo de produção e reprodução de bens simbólicos sofisticados. Seu uso como área de lazer por uma população vicinal é sancionado positivamente pelo enunciador como *hype* na medida em que é posta como hábito de uma elite cultural “antenada”.

Estendemos assim que esses enunciados se coadunam com o conceito de hiper-lugar de Michel Lussault. Estes são os espaços da “sobreaacumulação incessante” na Hipermodernidade. Desse modo, se caracterizam pela aglomeração de pessoas, objetos, dados, entre outros. Assim, “hiper” não é apenas a indicação de grandeza espacial, mas “é antes de tudo denso, diverso e intenso” (Lussault, 2017, p. 55-56, tradução nossa). A partir disso, seis atividades econômicas estão relacionadas a esses espaços: turismo, lazer, negócios, finanças, comércio e mobilidade, seja ela material ou imaterial.

A fim de explicar a dinâmica envolvida na constituição de hiper-lugares, Lussault alude à história da Times Square, a praça central nova-iorquina. Durante a Grande Depressão, a região entrou em declínio, situação que perduraria por mais de 50 anos. Naquele período, a Times Square passou a ter uma reputação caracterizada pela toxicodependência, prostituição, delinquência e pobreza extrema, sendo chamada pela mídia da época, o *New York Times*, em 1960, de “pior lugar da cidade” (Lussault, 2017, p. 46). Somente no início dos anos 1990 a situação da praça começou a mudar para o que foi fundamental o investimento da empresa Disney, que vislumbrou na Broadway uma região para atividades culturais. Desse modo, tornou-se um centro comercial a céu aberto, a “vitrine local” da globalização. No entanto, não apenas essa configuração qualifica o local como hiper-lugar, mas o fato de que, ao passar pela praça:

sentimos a intensidade do lugar e o vivenciamos pessoal e coletivamente, não sendo esse caráter coletivo o menos poderoso no entusiasmo sentido. Esta experiência vivida torna-se para todos indissociável da qualificação do local, porque é experiência sensorial (e não apenas o ambiente urbano) que é decisiva para apreciar ou não o que encontramos (Lussault, 2017, p. 58, tradução nossa).

É a experiência euforizada dos hiper-lugares que os determinam. Sendo assim, esses espaços propõem novas práticas associadas ao mundo globalizado, uma vez que são consequência dessa realidade. Segundo Lussault, “está aqui todo o interesse, a riqueza, o alcance dinâmico desta experiência, certamente

infrapolítica, mas onde se elaboram, se manifestam e, no entanto, se discutem formas de confrontar a convivência” (Lussault, 2017, p. 116, tradução nossa).

ENTRE A LOCALIZAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO, EM BUSCA DE UM LUGAR

Cabe notar que, em 2021, o enunciador da *Folha* termina também de apontar o Minhocão como espaço de fruição da convivência e de lazer despreocupado. Ali, ao fim, todos cabem: há os convites para as brincadeiras infantis, para o banho de sol, para o passeio com os animais de estimação, para os encontros amorosos. Essas são as delícias de um parque público em uma grande cidade, ou de uma praia, como é comum nas cidades litorâneas brasileiras. Na medida em que ressignifica o Minhocão como hiper-lugar – e apenas mediante esta primeira protomolização semiótica – emerge, nos sentidos do jornal, o *lugar*, onde o sujeito da cidadania está no espaço de vivência do Lebenswelt (Habermas, 2011).

As vias elevadas em Tóquio ou Toronto, os projetos de recuperação urbana das cidades carrocêntricas em Boston, Seul ou no Rio de Janeiro, a transformação de uma via elevada em parque, ou a citada Times Square em Nova York, acompanham como modelos o Centro de São Paulo ao longo do último meio século.

Num primeiro momento, como vimos, São Paulo ganha os emblemas da Alta Modernidade ao ser comparada com a capital japonesa por suas vias elevadas; em seguida, na fase intermediária, justamente quando o espaço em torno da via se torna repelente, as comparações com o exterior desaparecem; enfim, retornam em 2021 pelos exemplos a serem seguidos no Pós-moderno.

Vejamos com Bruno Latour, um dos mais influentes autores do contemporâneo a lidar com a questão ambiental, a proposta de duas tipologias de globalização e outras duas de localização, que entendemos que possam ser úteis neste estudo:

Há cinquenta anos, o que chamamos de “globalização” corresponde, de fato, a dois fenômenos opostos que são sistematicamente confundidos.

Passar de um ponto de vista local a um ponto de vista global ou mundial deveria significar uma multiplicação dos pontos de vista, o registro de um número maior de variedades, a consideração de um maior número de seres, de culturas, de fenômenos, de organismos, de pessoas.

No entanto, hoje parece que globalizar significa exatamente o contrário de tal multiplicação. O termo designa a ideia de que uma única visão – completamente provinciana, proposta por apenas algumas pessoas, representando um número ínfimo de interesses, limitada a alguns instrumentos de medida, a certos padrões e formulários – impõe-se a todos e se espalhou por toda parte (Latour, 2020, p. 22)

Segue ainda o autor:

No fim das contas, a única coisa que interessa não é saber se a pessoa é contra ou a favor da globalização, contra ou a favor do local, mas sim entender se ela consegue registrar, manter, respeitar o maior número de possibilidades de pertencimento ao mundo (Latour, 2020, p. 25).

3 Como os entendemos, os conceitos de Latour são pertinentes, mas as nomenclaturas por ele escolhidas, um tanto infelizes, requerem um redobramento da atenção do leitor.

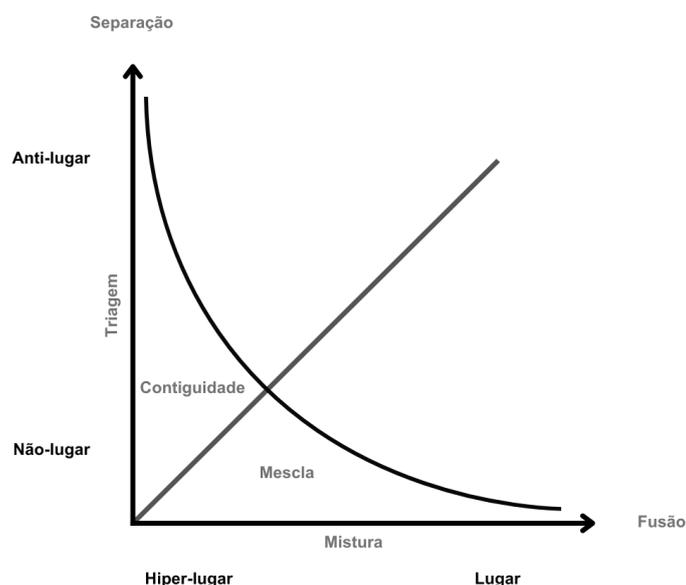
Ele cria a partir desta distinção categorização para globalização e localização: “globalização-mais” e “globalização-menos”; “localização-mais” e “localização-menos”³. A globalização-mais aponta para uma desejável miscigenação, com a transmigração de experiências variadas favorecendo a multiplicidade. A globalização-menos é um processo assimétrico, no qual uma única forma de produção da verdade, a colonização sistêmica da Alta Modernidade, deve supostamente prevalecer.

Essas duas categorias encontram paralelismos na localização. A localização-menos é exclusiva e excludente, com a designação de espaços infensos à manifestação do Outro. A localização-mais é tendencialmente de mescla, da aproximação de experiências de diversidade, nas quais estão abertas as possibilidades de interação criativa.

A territorialização das ideologias da globalização/localização-menos e globalização/localização-mais cria, conforme entendemos neste artigo, uma relação espacial da seguinte maneira: <globalização-menos/não-lugar>; <localização-menos/anti-lugar>; <globalização-mais/hiper-lugar>; <localização-mais/lugar>. Entendemos que essas categorizações de Latour serão úteis para lidarmos com uma abordagem analítica pela semiótica tensiva (Fontanille e Zilberberg, 2001). Vejamos essas posições transpostas para um gráfico tensivo reproduzido abaixo:

FIGURA 1.

Fonte: Elaboração própria com base em Fontanille e Zilberberg (2001).



Quando o enunciador cria os sentidos do não-lugar, ele inicia um processo de afastamento, de disjunção, entre os actantes humanos e não humanos que

estão em sua área de influência e o contexto da cidade, na medida em que o Minhocão passa a ser euforizado pela introdução dos objetos de valor do discurso da globalização-menos. Ou seja, ele participa de uma rede de equivalências simbólicas (com os seus correlatos em Tóquio) estreita, desidratada, monolinguística, se assim preferirmos, atinente ao Alto Modernismo dos meados do século XX. Ao ser assim figurativizado, torna-se contíguo, paralelo à trama urbana, em relação à qual passa a ser uma espécie de signo foracluído (Lacan, 2016).

A partir deste ponto, se instaura um processo de afastamento cada vez mais intenso até a virtualização, a segregação daquele espaço em relação ao contexto da cidade. A região do Minhocão passa a ser o espaço da alteridade radical, pejorado como indiciador de degradação, que deve instaurar o afeto do medo no cidadão condominializado (Dunker, 2015).

Já em 2021, o enunciador euforiza os sentidos da globalização-mais: a multiplicidade e diversidade das experiências interculturais. Um Minhocão “moderninho” (ou Pós-moderno) passa a ser o local de captação do diverso, do exótico. Os analistas simbólicos que por ali coexistem, supostamente detentores de um saber estético e político, recobrem o espaço com os novos sentidos do hiper-lugar. Os enunciados, que tematizam as pessoas em situação de calçada, os drogaditos, são agora exceções. Um espaço degradado, perigoso, torna-se um equivalente do alternativo, do descolado, o “gourmetizado” se mistura com o pichado, e a Vila Buarque se equipara a Tribeca. O enunciador promove, assim, um processo de familiarização e domesticação do distante, no meio de São Paulo, transformando a alteridade em mesmidade.

A partir desse ponto, a *Folha* está pronta a propor a dêixis da integração e convocar o enunciatário a reconhecê-lo como catalisador de uma localização-mais (mesmo que em projeção numa espécie de “razão proléptica”, no sentido de Boaventura de Sousa Santos [2002])⁴. O gigante de concreto que havia passado por tantas mudanças de sentido ao longo de sua história, pode apontar para uma pertença diversificada na qual caberiam, para além dos *hipsters*, também crianças brincando de amarelinha, skatistas ouvindo hip-hop, mães de pet, maratonistas amadores, a água de coco e o jogo de damas. Em seu espaço, como expectativa ao menos, todas essas posições de sujeito são possíveis, e ele torna-se o ponto nodal de uma convivência renovada, permitindo que os sujeitos que o frequentam abandonem a posição condominializada que há muito tempo é uma convocação do discurso urbanístico de São Paulo. O Minhocão pode então ser insinuado como um *lugar*, finalmente desprovido de seus prefixos qualificantes.

4 É preciso enfatizar (e por isso apelamos à categoria de Sousa Santos), que o enunciador permanece ainda hesitante quanto a aplicar um veredicto final sobre o Minhocão como um *lugar* no sentido que o entendemos. Isso porque a todo momento retornam os recalques do não-lugar (quando as pistas estão abertas aos carros, e os motoristas buscam apenas uma via mais rápida), ou do anti-lugar (quando um pedestre teme em atravessá-lo por baixo numa noite de pouco movimento e procura outro caminho).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminamos este artigo com a explicação de uma chave de leitura sobre seu resultado: as posições átonas do globalizado e tônicas do localizado são contraintuitivas. No entanto, de fato o enunciador busca gerar os sentidos do localizado a partir do prévio estabelecimento de uma plataforma discursiva

do globalizado, sejam estes de uma globalização-mais ou de uma globalização-menos, para só então recobrir de sentidos o localizado.

As qualificações de não-lugar do Elevado advêm de Tóquio, do outro lado do mundo, num esquema neocolonial na produção de valores, cujo eixo é o da triagem. Ao enfatizá-la, o fim é catastrófico, e aquele espaço torna-se um anti-lugar. Quando, por outro lado, o enunciador euforiza uma globalização-mais, a localização correspondente ao espaço do Minhocão passa por um processo de melhoramento, como depositária da “diversidade”, e aquilo que foi ressignificado como hiper-lugar, aponta finalmente ao lugar de convívio.

Ao fim e ao cabo, nos eixos modalizadores das valências, é como se os discursos a respeito dos modos de globalização fossem átonos na medida em que flutuassem pela noosfera, por assim dizer, enquanto tornam-se tônicos na medida em que são aterrados (Latour, 2020) na concretude de um território reconhecível pela vivência do enunciatário.

Os limites para esta transformação estão justamente no apontamento em direção à fusão universalizada no eixo horizontal do gráfico. Esta é uma posição paroxística à qual não se chega. Isso seria trazer ao conjunto da mesmidade aquilo que o enunciador continua a postular como excessivo: os sujeitos que insistem em perambular pelos baixios da estrutura, excluídos da festa *hype*. Mas esta já seria uma outra imprensa lidando com uma outra São Paulo.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do estado**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia**. Campinas: Papyrus, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1.**

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FOLHA DE S. PAULO. **Acervo Folha**. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

FONTANILLE, Jacques; Zilberberg, Claude. **Tensão e Significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.

GENOVEZ, Patrícia Falco; CAZAROTTO, José Luiz. **A cidade como texto: aproximações entre antropologia, urbanismo e semiótica do espaço**. Cidade, Comunidades e Territórios, Lisboa, v. 43, p. 227-239, dez. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/24382>. Acesso em: 20 out. 2022.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Unesp, 2011.

HISTÓRIA da Folha. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/pages/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: 1 mar. 2024.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2000.

LACAN, Jacques. **O seminário – livro 7**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista**: hacia una radicalización de la democracia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno? Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUSSAULT, Michel. **Hyper-lieux**: Les nouvelles géographies de la mondialisation. Paris: Le Seuil, 2017.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Mil dias**: os bastidores da revolução em um grande jornal. São Paulo: Trajetória Cultural, 1988.

PEREIRA, Heloisa; Prado, José Luís Aidar; Prates, Vinicius (ORGs.) **Comunicação em rede na década do ódio**: afetos e discursos em disputa na política. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2022.

PRADO, José Luís Aidar; PRATES, Vinicius. (ORGs.) **Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

PRATES, Vinicius; PEREIRA, Heloisa. O sujeito de bicicleta: considerações sobre o discurso cicloativista na São Paulo dos carros. In: **Galáxia** n. 34. São Paulo: PPGCos/PUC-SP, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 63, 2002, p. 237–280.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo**: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades/Cosac Naif, 2004.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Recebido em:

01/04/2025

Aprovado em:

06/12/2025

Disponibilidade de dados de pesquisa:

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

Editores responsáveis:

- Adriana Teixeira
- Fábio Fonseca de Castro
- Maurício Ribeiro da Silva
- Norval Baitello

VINICIUS PRATES DA FONSECA BUENO

É professor e pesquisador do Mestrado em Comunicação Intercultural nas Organizações da Universidade Presbiteriana Mackenzie (MPCoM/UPM); doutor em Comunicação e Semiótica pelo PPGCos/PUC-SP.

vinicius.prates@mackenzie.br

VICTÓRIA ANDRADE ROCHA

É mestranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGL/UPM), bolsista Capes modalidade II.

virochaandrade04@gmail.com

CONTRIBUIÇÕES DE CADA AUTOR:

Vinicius Prates foi responsável pela supervisão e gestão do projeto de pesquisa, fundamentação teórica e conceituação, metodologia, escrita, revisão e edição. Victória Rocha dedicou-se à curadoria de dados, análise formal do *corpus* e construção de tabelas e escrita.